

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1014

COIMBRA — Quinta-feira, 29 de junho de 1905

11.º ANNO

A PORTARIA

Liquidou a questão da procissão de corpus-cristi no que tudo liquidou em Portugal numa manifestação da nossa profunda desorganização administrativa.

Acabou com esta portaria.

Constando a Sua Magestade El-Rei que se tem suscitado dúvidas sobre se continua a cargo das camaras municipales, fóra de Lisboa, a festividade da procissão do Corpo de Deus; e

Considerando que o § 48.º do titulo 66.º do livro 1.º das Ordenações do Reino de 11 de janeiro de 1603, de que deriva o referido encargo, como se declarou na portaria de 10 de maio de 1861, bem como a carta regia de 18 de maio de 1808, se acham ainda em vigor neste ponto, por isso que as leis administrativas somente se entendem revogadas por declaração expressa ou disposições ulteriores que com ellas sejam incompatíveis o que não acontece no presente caso;

Considerando que nas despesas das camaras municipales se incluem não só as especificadas no Código Administrativo, mas também as consequentes de outros diplomas legais em vigor, como se vê do n.º 32.º do § 1.º do artigo 91.º do mesmo código, e em caso analogo se resolveu acerca do alvará de 14 de dezembro de 1825 na portaria de 12 de agosto de 1886;

Considerando que portanto é de todo o ponto conforme ao respeito devido á religião, leis e estylos do reino, que as municipalidades mantenham na decorosa celebração d'aquella solemnidade o cuidado que por direito lhes compete, sem prejuizo quer da jurisdicção ecclesiastica dos prelados, quer das attribuições da autoridade administrativa em materia de policia, como se advertiu na portaria de 23 de maio de 1854 e no despacho de 25 de abril de 1893, publicado no Anuario da Direcção Geral de Administração Politica e Civil;

O mesmo augusto Senhor assim o manda declarar para conhecimento das camaras municipales, cujas omissões neste assumpto devem pois as estações tutelares suprir nos termos legais.

Paço, em 26 de junho de 1905. — Eduardo José Coelho.

Tudo liquidou na portaria que transcrevemos e que, apesar do absurdo que encerra, não foi recebida pelos reacionarios com os gritos de victoria que são do estylo em coisas de menor monta.

E' que na verdade a portaria, apesar de inoportuna, não satisfaz os desejos de suas reverendissimas.

O sr. bispo-conde não se atreveu a pedir a portaria antes da realisação da procissão.

Sabia bem sua excelencia reverendissima que no caso do aparecimento deste documento, que veio ferir a opinião publica de Coimbra, antes de realisada a procissão, não appareceriam nela as pessoas cuja presença andou a mendigar de porta em porta, com toda a humilhação de quem pede um favor particular, e talvez tivesse do publico manifestação diversa da fria indiferença com que foi recebida s. ex.ª reverendissima durante todo o percurso da discutida procissão.

A portaria veio depois da festa que foi uma manifestação bem clara das sympathias que o sr. bispo-

conde tem sabido alheir nos ultimos annos do seu episcopado pelo seu procedimento inconsequente, ora liberal ora reacionario, conforme as determinações de momento.

Não é o collegio dos orfãos, não são os alumnos do seminario, nem as praças do regimento de infantaria 23, que fizeram o comprimento da procissão, que mostram os sentimentos religiosos d'esta terra ou as sympathias do sr. bispo conde.

As procissões, são como os bispos, não se medem aos palmos.

O sr. bispo conde infileirou apenas irmandades de creanças, contentes por envergarem uma opa de côr garrida, de velhos que iam significar com a sua presença a sua consideração por outra pessoa que não o sr. bispo conde.

A multidão na Feira era incomparavelmente inferior á que nos annos anteriores vinha atrahida pelo aspecto profano da procissão, pela exhibição pittoresca do S. Jorge, mais do que por espirito religioso.

Não é demasiada a insistencia neste ponto, que para muitos se figurará de pouca importancia.

A attitude da população de Coimbra na procissão de corpus christi, mostrou mais uma vez que esta terra é de sua natureza avessa a estas manifestações obsoletas, hoje de fingida religiosidade.

Provou-se assim que a camara não ferira com a sua determinação os sentimentos religiosos dos seus administrados.

Passada a procissão, o sr. bispo conde quiz o castigo para a camara de Coimbra.

O sr. bispo conde não conseguiu o castigo que queria porque a camara conservara-se dentro da lei.

D'ahi a secca noticia dos jornaes reacionarios que esperavam uma victoria ruidosa.

A despeza com a procissão do corpo de Deus estava dentro das despesas facultativas.

Não havia para ella verba especial.

A camara podia faze-la ou não como melhor entendesse.

Entendeu que não devia faze-la. Não a fez.

Estava dentro do programma de zelosa administração dos dinheiros publicos que a si traçara.

Não fora a camara que tirára do orçamento a verba, que se em algum tempo lá estivera, ha muito de lá desaparecera, como se fóra dos costumes a pitoresca procissão, em cuja relação tanto se compraziam outras gerações.

Ninguem podia castiga-la. Ninguem podia censura-la.

O acto da camara só merece em verdade louvores pelo seu fim caritativo pelo cuidado que mostrava em não dar, com um acto ridiculo, azo a que esta cidade fosse comparada a qualquer burgo pôdre e atrazado.

O sr. bispo conde teve porém impressão bem diferente da nossa.

Para s. ex.ª reverendissima a procissão foi uma afirmação entusiastica das crenças dos seus diocesanos.

Tal facto deveria encher de alegria o animo generoso do illustre antistete, que deveria sentir o coração disposto ao perdão doce do evangelho.

E' por isso que não podemos deixar de extranhar ver o sr. bispo conde desamparar a sua diocese, no dia immediato ao de tam grande jubilo, e correr a Lisboa, em missões mais de odio que de paz, e exigir uma satisfação immediata á sua vaiade ofendida de principe da igreja.

Chega a tomar a côr de um exagerado rancôr a determinação do sr. bispo conde, que no dia anterior se convencera de que poucas ovelhas doentes tinha no seu rebanho, e que em documento publico afirmára a generosidade de intenções que tinham determinado um procedimento que lhe parecera irregular.

Não! O acto do sr. bispo conde mais parece d'um fanatico demetado do que de um prelado esclarecido, na paz conciliadora que devia dictar ao seu coração de christão o saber na paz e na ordem o seu rebanho.

Agora a portaria do governo. Veiu deslocada. Poderia ter vindo antes, deveria ter vindo mais tarde.

Não admittia porém, acto tão inconsequente prorogação.

A não se publicar agora, a portaria nunca se publicaria talvez.

E' um acto que não resiste a dois minutos de analyse.

Se o procedimento do sr. bispo conde custa a explicar, a portaria do sr. Eduardo José Coelho é para lastimar na vida de um homem que pelas suas afirmações liberaes, quando fóra do governo, tanto subira na consideração e na esperança publica, para descer tam baixo pelos actos de cada dia desde que está no poder.

A portaria de feitto e intenção francamente reaccionaria provou, mais uma vez, o que valem as afirmações monarchicas, o que é o governo liberal do sr. José Luciano de Castro.

O acto do sr. Eduardo Coelho provou que, com o regimen monarchico, todas as consciencias liquidam no mesmo.

Em toda a parte a procissão do corpo de Deus cahira em desuso. E o costume faz lei em todos os paizes.

Em Lisboa, mesmo, apesar de todas as pompas da Sé, e da presença de el-rei e dos principes, a procissão, a que pretendeu dar-se vida nova por occasião do centenario antonino, passa desaperecebida, é acto a que a propria côrte não concorre, e que por completa indi-

ferença publica se limita hoje a um pequeno percurso perto da sé.

Isto em Lisboa.

Nas provincias muitas camaras municipales tinham posto abertamente de lado a ridicula procissão e tinham dado melhor applicação ao dinheiro que tão inutilmente se gastava com ella.

A portaria do governo manda porem a todas as camaras que façam resurgir a antiga usança, e inscrevam no seu orçamento mais esta despeza.

E é para notar que o governo, que ainda ha pouco achava em tão percarias circumstancias a camara municipal de Coimbra que lhe negava o subsidio que ella queria dar ao concessionario da tracção electrica, por julgar duvidosas as vantagens futuras para a camara, esse mesmo governo lhe mande, a ella e a todas as do paiz, inscrever no orçamento uma verba para a despeza da procissão de Corpus Christi, indicando a legislação que a manda fazer com toda a pompa.

Nega-se o dinheiro á camara para um melhoramento importante, que traria consigo o alargamento da area da cidade, a valorização dos predios e terrenos para edificações de bairros em principio de desenvolvimento; nega-se o dinheiro que poderia tam eficazmente contribuir para a modernisação de Coimbra que se mostra cheia de vida, prompta a caminhar ousadamente pela estrada do progresso e mandam-se sangrar os cofres municipales para uma procissão ridicula de que não beneficia nem a religião, nem o commercio, nem a população d'esta cidade pouco disposta a ver sem riso as pitorescas procissões que, como reliquias de phases mais atrazadas, têm ido desaparecendo deante da civilisação, na mais completa indifference publica.

E é isso que manda resurgir, é nisso que manda gastar o dinheiro dos cofres municipales um governo que a toda a hora, alude ao seu precario estado, para se opôr ao desenvolvimento d'esta terra.

Os interesses de Coimbra estão sendo prejudicados por toda a especie de obstaculos á iniciativa e trabalho generoso da vereação a que tam dignamente preside o sr. dr. Marnoco e Sousa.

Ontem negava-se-lhe auctorisacão para o subsidio á tracção electrica que vinha melhorar tam consideravelmente as condições de Coimbra, ontem negava-se-lhe auctorisacão para abrir um bairro hygienico e elegante, que ia ao mesmo embelezar um dos mais pitorescos logares de Coimbra dando-lhe facil e comodo acesso; hoje manda-se-lhe inscrever no orçamento mais uma verba de despeza.

Não negamos ao sr. dr. Padua boa vontade em administrar bem os negocios do districto, e sabemos a consideração que mostra sempre pela vereação a que preside o sr.

dr. Marnoco e Sousa, seu colega nas cadeiras da Universidade.

A ele nos liga uma velha e inalteravel amizade; mas não podemos deixar de lhe dizer que, se em nossa consciencia o julgamos ao lado da camara, a opinião publica começa a attribuir-lhe a responsabilidade da má vontade que o governo parece mostrar á camara de Coimbra.

Como amigo leal o avisamos do rumor publico que deve fazer calar.

Ao sr. dr. Padua compete auxiliiar franca e lealmente a camara nos seus esforços pelo levantamento moral e material de Coimbra.

Os cidadãos de Coimbra não devem esquecer tambem a quanto os obriga a administração da camara da presidencia do sr. dr. Marnoco e Sousa, que tanto a está honrando deante das outras cidades do paiz, desmentindo por uma orientação moderna e civilisadora a fama de burgo entorpecido com que em Portugal tam falsamente se acoima esta terra de tam generosas iniciativas.

ITALIA VITALIANI

A eminente tragica que tão funda emoção deixou no publico de Coimbra pela sua arte de representar tão moderna e tão suggestiva virá ainda no sabado e no domingo dar alegria a nossos olhos com o seu vulto delicado, vibrando fragil ao sentimento como a haste delicada das flores ao vento brando da primavera, e encher nossos ouvidos da sua voz doce e aveludada como o mel, triste e harmoniosa como o crystal a partir.

Leverá a Fedora em que, segundo a phrase de Antonio José d'Almeida, no artigo publicado no ultimo numero da Resistencia, todas as suas qualidades trepidam. E' a revista geral de todos os seus attributos, que dão, somados, a amalgama do seu genio. Aquella ancia de vingança apoz a morte do amante que foi o primeiro a encher da sua imagem o coração apaixonado de Fedora é soberba de tenacidade e furiosa concentração.

O odio, a raiva, o amor ferido de morte, o ciuime do proprio alem-tumulo elevam a alma de Vitaliani ás demencias frias e pausadas de uma represalia feroz. Mas ella vem a saber que o amante, com tanta lagrima chorado, lhe era infiel e logo o espirito da comedianta que se alteava como uma vaga indomita, reservando odio e rugindo amargura, decae na *renanche* feminil e sente despedaçar a sua architectura feita de vingança e desfazendo-se, resolvendo-se numa calma de lago, embebe de toda a sua pura e languida agua o novo amante, aquele que verdadeiramente a amara sempre.

Na Magda poder-se ha ver quanto esta excepcional artista está acima das celebridades nacionaes, preconizadas pelo sr. visconde de S. Luiz de Braga para restauração do theatro nacional.

O papel de Duse na Magda é uma criação que sofre o paralelo com o de Italia Vitaliani.

Duse não é só um excelente *diseur*. Demonstrou-o bem no primeiro e quarto actos da *Dama das Camélias* e em toda a *Maria Antonieta* apesar do papel esfaufante e monotono do insipido melodrama.

Na Magda, Duse encontrou uma criação que o mostra a toda a luz do seu talento de excelente comedianta que é,

Analyse microbiologica das aguas da canalisação municipal

A camara de Coimbra contratou com o laboratorio microbiologico da Universidade o exame bacteriano quinzenal das aguas dos depositos que abastecem a cidade. Tal inquerito constitue presentemente uma necessidade importa para a verificação do funcionamento dos filtros, pois sem analyses periodicas realizadas não pôde haver segurança na pureza da agua. Assim o entenderam os srs. Charles Lepierre e Nogueira Lobo, quando ha annos fizeram o estudo bacteriologico das aguas de Coimbra. Na conclusão d'este trabalho deduz-se a importancia que o registo quinzenal e numerario bacteriano tem sob o posto de vista hygienico.

O ex.^o sr. dr. Marnoco e Sousa, como sempre, bem orientado em todas as questões de interesse geral, julgou oportuno iniciar estes serviços de valor prophylatico incontestavel.

Em quanto não comece a funcionar o Instituto principal, as analyses effectuam-se no laboratorio de microbiologia, ao qual a camara se compromette a fornecer gratuitamente o gaz d'illuminação, como retribuição de serviços.

Realizou-se o contracto assim, porque o sr. Charles Lepierre com o fim de beneficiar o laboratorio renunciou á gratificação a que tinha direito. Mais um serviço que o laboratorio fica devendo ao sr. Lepierre.

Registamos o facto com tanto prazer quanto é certo estarmos convencidos que é a grande actividade d'este trabalhador que o laboratorio tudo deve.

Resultado das analyses

Deposito da zona alta		Deposito da zona baixa	
Bacterias	Fungos	Bacterias	Fungos
40	5	45	0
45	37	36	12
64		28	4

O deposito da zona alta precisa de ser limpo.

Foi auctorizado a exercer a advocacia o sr. Amadeu Tavares da Silva, ajudante de notario em Soure.

Teve lugar na segunda-feira, como tinhamos anunciado, na administração geral da Imprensa Nacional, a arrematação de varios materiaes destinados ás officinas desta imprensa e ás da Imprensa da Universidade, para o ano economico de 1905-1906.

A praça foi bastante animada, concorrendo as casas dos srs. Antonio Coelho de Almeida, J. A. Santos & C.^a, Luiz Frazão, Manuel A. F. Calado & C.^a, Candido Augusto da Costa e Ricardo Caetano Ayres, sendo-lhes adjudicados todos os materiaes em arrematação.

A camara mandou arrancar os bancos ao longo do passeio do Café Montanha.

Foi uma excellente medida. O passeio é estreito de mais, e os bancos não serviam senão para *montre de vadios* que com conversas e questões obscenas tornavam impossivel a gente honesta a habitação nas casas proximas.

Ficou tambem assim limpa a entrada do Café Montanha, até agora tão prejudicada pela chusma de vadios e engraxadores que dos bancos proximos importunavam os freguezes do elegante café.

FELIZARDO DE LIMA

Falleceu no Porto este nosso velho correligionario de uma vida tão agitada e de propaganda tão activa.

O nosso amigo Padua Correia o jornalista de uma pena tão incisiva, o burilador tão dèstro da forte palavra portugueza dedicou-lhe o artigo *Sonho*, que hoje transcrevemos de *A Voz Publica*, como um echo raro de um grito de sentimentalidade e de justiça.

D' *Encyclopedia Portugueza* extrahimos os dados biographicos que farão conhecidos dos nossos leitores a obra do grande propagandista, que agora descança depois do mais comovido enterro que ha muito se fez no Porto

LIMA (Felizardo de). (Joaquim Felizardo de Lima Camelo Pereira da Silva de Souza Castelo Branco Vilhena e Bourbon, mais geralmente conhecido por). Professor, publicista e propagandista republicano, nascido em Lisboa em 3 de novembro de 1839. Filho de Joaquim Maria de Lima Camelo Pereira da Silva e de D. Isabel Mafalda de Sousa Castelo Branco Manoel de Vilhena e Bourbon, frequentou o lyceo de Lisboa e o 1.^o ano da Escola Polytechnica, sentou praça em infantaria 7 (março de 1854) e pediu baixa, sendo furriel de caçadores 2 (1858).

Foi um dos iniciadores e o secretario do Gremio Industrial, de que era presidente o conselheiro Fradesso da Silveira. Foi o primeiro elemento anti monarchico e socialista do Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, e o ultimo dinheiro que recebeu do pouco que herdou da sua casa applicou-o á publicação da «Republica Federal» (1869), que foi o primeiro jornal republicano que appareceu entre nós. Pela mesma epocha fundou tambem o primeiro centro republicano que houve em Portugal e teve o gosto de saber que D. Emilio Castelar, o grande tribu o hespanhol, lera nas côrtes constituintes um dos seus artigos politicos. Creou em Lisboa com João Bonança as primeiras decurias da Internacional, e, sendo escripturario na estação das Devezas, sustentou ali a greve do Caminho de ferro do norte e leste, pelo que o demittiram. Foi secretario geral da Fraternidade operaria no Porto, socio de varias agremiações populares de Lisboa e Porto, escreveu o primeiro artigo para o «Portuguez» e a primeira poesia para a «Federação», publicou e foi redactor do «Ensaio Literario», colaborou nos semanarios literarios «Murmurios» e «Aurora», escreveu folhetins no «Diario de Noticias», combateu o catholicismo na «Opinião Nacional», publicou o redigiu no Porto os jornaes «Bom-senso», «A Bandeira do Povo», «O Amigo do Povo» e «O Radical», e tambem foi por muito tempo redactor da «Discussão», onde combateu as medidas de fazenda apresentadas por Mariano de Carvalho. Na vila da Moita, onde foi professor, publicou um semanario intitulado «A instrução primaria»; foi o primeiro redactor do «Comercio de Penafiel» amquanto esta folha defendeu a politica republicano-socialista, e depois da revolução de 31 de janeiro de 1891 escreveu nos primeiros numeros do «Democrata da Beira», de Lamego, cidade onde viveu uns tres annos e onde tambem publicou o jornal «A Luz».

Escreveu mais: «Vingar regeneran do», romance; contos diversos; obras de combate e de propaganda; «A felicidade ou a miseria»; «O registo civil», carta ao duque de Saldanha; «Carta aberta» sobre a politica portugueza; «D. Fernando e D. Carlos de Bourbon», quando da escolha de rei nas constituintes hespanholas; dois volumes de sciencia popular sob o titulo geral de «Bibliotheca de instrução popular»; Judous, christãos e mahometanos perante a sciencia; Apontamentos para a historia do proletariado; um «Methodo de ensino de escripta e de leitura» (2.^a edição), de que se serve desde 1861; etc. Mais ou menos, tem colaborado em quasi todos os jornaes republicanos do paiz.

Começou a ser perseguido em virtude das ideias avançadas que sempre tem defendido quando era professor na vila da Moita, sendo então demittido pelo ministerio regenerador, e nas deploraveis circumstancias em que por muitas vezes se tem visto pela intrasigencia das suas opiniões politicas, tem sustentado a numerosa familia, ora leccionando, ora trabalhando como tecelão, como envernissador, como auxiliar dum construtor de pianos, como typographo, como fabri-

canto do mais de tear, de cartonagem, etc., etc.

Estando empregado havia alguns mezes (1889) na construção do ramal do caminho de ferro de Santa Comba a Vizeu, abandonou o lugar e partiu para o Porto, onde tomou parte no movimento patriótico provocado pela questão ingleza (1890). Implicado na revolução de 31 de janeiro de 1891, foi julgado nos tribunaes marciais da Leixões e condemnado a ano e meio de prisão, pena que cumpriu na Relação do Porto. Alem desta prisão tem soffrido muitas outras por questões politicas, chegando a estar incomunicavel e sendo mesmo uma vez metido no *segredo* da Relação.

A familia enlutada os nossos pezaumes.

Dom Quichote de la Mancha

Acaba a livraria Ferreira & Oliveira, Limitada, comemorando o tricentenario da 1.^a edição do *D. Quixote*, de dar á estampa uma nova impressão portugueza d' aquella notavel obra prima da literatura hespanhola.

Temos presente o primeiro volume, que é o que está publicado; saindo os outros dois respectivamente em julho e agosto. Aspecto agradável, déveras atrahente. A capa é muito elegante, com uma portada, á maneira antiga.

Apetece folhear este livro, de 283 paginas de 48 linhas em corpo 8, que é cuidadosamente impresso em bom papel e illustrado com um retrato de Cervantes e um desenho representando o Cavaleiro da Triste Figura e o seu escudero, este escarranchado no Ruço, aquele cavalgando o Rosinante, a caminho das suas celebradas aventuras.

Custa a acreditar que um volume assim, com tanto texto e em tão bom papel possa ser posto á venda por 200 réis; mas é esse o seu preço em brochura; encadernado em percalina com ferros especiaes, custa 300 réis, o que é, sem duvida, baratissimo.

Com os 3 volumes do *D. Quixote* inicia a Livraria Ferreira uma bibliotheca dos mais celebrados auctores estrangeiros, antigos e modernos, intitulada OBRAS PRIMAS, que se propõe dar a publico os melhores trabalhos de Shakespeare, Molière, Goethe, Schiller, La Fontaine, Dickens, Thackeray, Wels, Gorki, Rod, Prévost, Hervieu, Pereda, Galdós, Ibanez, etc., etc.

E' uma tentativa arrojada, merecedora do mais gracioso acolhimento e que muito sinceramente recomendamos aos nossos leitores.

Retira hoje do Bussaco, onde tem estado em veligatura o sr. conselheiro Teixeira de Sousa, administrador geral das alfandegas.

No congresso de olivicultura e industria do azeite, ultimamente realizado em Lisboa, teve uma medalha de ouro o sr. Carlos Augusto Xavier de Andrade.

Tiveram na mesma exposição, medalhas de prata, os srs. Antonio Simões da Fonseca Barata e João Simões da Fonseca Barata.

Foram concedidos go dias de licença ao sr. Anonio da Fonseca Godinho, digno official de fazenda no districto de Coimbra.

De 1 a 10 do proximo mez de julho estará aberta na repartição de fazenda as reclamações a fazer a proposito da matriz industrial.

Foi já instalada provisoriamente na abegoaria municipal a estação do serviço municipal de incendios, deslocada da rua de Sá da Bandeira pela edificação da nova escola primaria central.

Não está ainda decidido onde se fará a instalação definitiva, retirando-se todavia com todo o cuidado os materiaes aproveitaveis para a futura edificação.

Não teve licitantes a arrematação da limpeza da fonte de Celas que irá por isso novamente á praça no dia 6 do proximo mez de julho, sendo a nova base de licitação de 582250 réis, e o deposito provisório de 12455 réis.

SONHO...

Quando entrei no acanhado aposento onde o velhito, o Felizardo, mais sumido no inteiramento da morte, jazia, d'olhos velados, aquêles olhos onde tanta vez eu vira acender-se um fogacho quando se lhe referia alguma iniquidade ou torpessa, acudiram-me de chofre dois versos de Fausto Guedes:

Se a vida está só no sonho,
E a realidade em morrer...

Se êle fôra toda a vida um sonhador... Sonhou o cidadão livre na patria livre dum povo livre. Sonhou um paiz onde a instrução não fôsse um mito, onde a miseria não lavrasse como a peste. Sonhou... oh! largos sonhos humanitarios que lhe encheram a vida inteira!

No fundo do cerebro êle tinha esse pequenino grão de loucura que faz os santos, os heroes, os inadaptaveis e os revoltados. Tem passagens da sua vida que recordam aquêles dolorosos Jacques Vingtras, aquêles auto-biographos em que correm mais lagrimas do que fel.

Ha sonhadores que de todo se fecham na sua criação. São os que vivem na *torre de marfim*, isolados do mundo e dos homens, dobrados sobre a sua personalidade, alimentando-se da chimera ou da utopia, que tantas vezes em epochas posteriores se reconhecem como verdades. Couraça os o desdem, um desdem raramente acre, quasi todo de benignidade e compaixão.

Outros, porém, dotados de temperamento combativo, lançam-se á refrega entestam com a realidade, fortes, duma fortaleza caldeada em sofrimento e dôr, pela fé no seu ideal. Dantes a fé movia montanhas, mas hoje é impotente para deslocar interesses. As luctas sociaes dos tempos presentes são menos sangrentas que as d'outrora, mas mais cruéis. Sofre-se mais intensamente, sofre-se por novas maneiras.

Em face da sociedade afogada na lufa-lufa dos interesses positivos, o homem arcabouçado na fé e na propaganda do seu ideal, deixa a vida em farrapos. Ele traz ali o seu sonho, mas vivo, mas palpavel, com a rigidez das estatuas de bronze ou de marmore, e o comum dos homens apenas entevê idolos formados de nevoeiros ou do pó das illusões.

Então o choque é inevitavel, é fatal, é rude. O idealista arrojase como um leão á peleja. O pamphleto, o jornal, o comicio, a conferencia, a palestra, o club, o centro politico, a associação operaria, de tudo lança mão, em toda a parte manifesta a sua actividade. Se a fé já não remove os montes, remove-os a accção. A lucta empolga taes personalidades. Nem a miseria, miseria negra, nem a fome, nem o lar sem lume, nem os filhos esfaimados, os arrancam do caminho para onde os arremessou o seu temperamento, e a ideia que os domina, que os anima e... que os mata.

Como os martyres, caminharão para a fogueira, cantando. Tornam-se duros, e até ás vezes injustos, subordinam o mundo aos seus intentos. E assim caminham pela vida lora, ora grandes, ora grotescos, mas sempre sinceros, sem desanimo, sem fraquejar, sem esmorecer até á morte.

Foi isto, o Felizardo, Um refractario, gaguejavam aquêles que outro cuidado primacial não concebem que não seja andar bem comidos e bem bebidos na santa paz das boas digestões imperitubaveis.

Quem o escutasse num comicio ou numa reunião, quando as forças davam vigor aquêles feixes de nervos num corpo quasi transparente, escutava a voz do sofrimento humano desde que o homem é homem. Não era o Felizardo que falava, eram os miseraveis soterrados ha tres ou quatro mil annos que encontravam de repente, o grito de revolta. Era o odio contra todas as tiranias, todos os despotismos, era um grande amor pela liberdade, era o seu sonho de sempre, a Republica.

Preso a bordo dum navio de guerra como implicado na gloriosa revolução de janeiro, o Felizardo passava o seu tempo fazendo a catequese da Republica. Se o metessem num calabouço onde nem carcereiro houvesse para convencer, o velhito encheria as paredes de conceitos democraticos — como uma vez me confessou — para os que viessem depois d'êle, nas longas horas da solidão, «acharem pão para o espirito».

A esse pão do espirito êle sacrifi-

ca va até o pão dos filhos. Não lancem a phrase á conta de metaphora. E sem pão eles ficaram.

Tem essa divida em aberto o partido republicano, como a da lapide sobre o tumulo do capitão Leitão. E' aos republicanos que lembramos, que o reino da Justiça é deste mundo, e não dum outro tão hipotetico.

Aos novos, ás gerações intellectuaes o velhito que hontem se enterrou, lega um grande exemplo, com a sua attribulada existencia, vivificada sempre pela convicção inabalavel cuja realisação depende da nova geração. E digam o que disserem, na vida de Felizardo houve qualquer coisa de heroico... e pela sua attitude rigida, insubmissa e combatente...

CHRONICA POLITICA

Parece poder afirmar-se que todos os receios de guerra entre a França e a Alemanha são infundados. O perigo passou, e ainda bem que passou.

Lamentam, por certo, os reaccionarios, que a lucta se não tenha travado, tendo como consequencia a derrota da França, a derrota da Republica. Porque todo o odio dos reaccionarios á França tem, como fundamento, o facto de este paiz ser republicano.

Quem sabe lêr nas entrelinhas não deixará de notar o mal disfarçado rancor que inspiram os artigos de certos jornaes monarchicos, referentes ao conflicto anglo-alemão.

O proposito de amesquinhar a Republica Franceza tornou-se evidente. E contudo, enquanto os sabios portuguezes declaravam a França sem exercito, os alemães nunca deixaram de considerar devidamente a força militar da Republica.

Uma guerra entre a França e a Alemanha não seria, hoje, como em 1870, uma guerra do exercito do imperador contra o exercito da nação alemã.

Seria uma guerra de toda a França republicana contra a Alemanha cezarista.

Só este facto bastaria a dar ao exercito francez uma força moral extraordinaria.

Atenda-se, além d'isso, a que o exercito francez hoje é toda a nação e que portanto, o espirito de resistencia e de patriotismo que em 1870 se manifestou quando entravam em campanha os exercitos constituídos por Gambetta, dominaria agora, desde o primeiro dia da guerra.

Diz-se que no alto comando haveria deficiencias. Talvez. Mas hoje, contam-se muitos generaes entre os quaes se poderia escolher e certamente elles não deixariam de se revelar e distinguir.

Entretanto se dos defeitos dos generaes se pretende tirar argumento contra a Republica, é bom ter em vista que nos altos postos dos exercitos francez, como na marinha se encontram creaturas conhecidas pelas suas opiniões reaccionarias. Ninguém o ignora.

Generaes de divisão e de brigada, caroneis de todas as armas, na grande maioria são orleanistas, bonapartistas e sempre mais ou menos, clericais.

Nesse ponto, os chefes militares de agora não se distinguem dos de 1870. Mas agora em proporção infinitamente superior, appareceriam officiaes republicanos que apoiando-se num exercito republicano, haviam de elevar o nome da França á mesma altura a que soberam ergue-lo os militares da revolução, os Hoché, os Desaix e os Kleber.

Quem leu o que o general alemão Goltz escreveu no livro *Gambetta e os seus exercitos*, pôde afirmar que hoje, sendo a França na sua immensa maioria republicana, mais facil seria realizar, desde o começo da guerra, o que os exercitos organizados por Gambetta fizeram quando a França estava exhausta depois de successivas derrotas.

A' ignominia d'uma rendição como a de Sedan, respondia a defeza de Belfort pelo coronel republicano Delfert Rocherau.

E, a resistencia dos regimentos improvisados de Chruzy, um dos primeiros generaes que adheriram á Republica, ou dos recrutas de Taidherbe, sempre republicano, prou que um exercito de cidadãos, ainda que mal instruido e mal armado, valia bem mais do que o exercito profissional.

sem espirito de civismo, com que o imperio iniciou a lucta.

Se, depois de Metz e depois de Sedan, o grande Gambetta — esse pai-sano! — pôde surpreender e embarracar os generaes alemães vencedores, hoje a França republicana saberia, melhor do que em 1870, defender-se e lutar até ao fim.

Ha quem fale na propaganda anti-militarista dos socialistas francezes como d'um grave perigo para a Republica, na hypothese d'uma guerra.

Em primeiro lugar deve ter-se em vista que, combater o militarismo não é combater a defeza nacional. Depois é preciso não esquecer que, hoje, os socialistas francezes não combateriam só para defender a sua patria, que eles não renegam, mas ainda para defender as instituições republicanas contra o exercito do imperador alemão.

Quando, ha poucos dias, o deputado Hervé declarou que lhe era indifferente ser alemão ou francez e que, em caso de guerra, se devia provocar a greve geral dos reservistas, o partido socialista de França reconhecendo-lhe o direito de exprimir, livremente, as suas opiniões, repudiou a sua estranha doutrina.

Jaurés contradicou-o, triumphantemente, não só no seu jornal l'Humanité, mas na conferencia em que com ele discutiu.

Vaillant, o chefe dos blanquistas, cuja tradição revolucionária se confunde com a tradição patriótica dos tempos da Communa de Paris, manifestou a mesma opinião que Jaurés, o qual, de resto, não fez mais do que repetir e desenvolver o que em varios discursos e manifestos foi affirmado por Jules Guesdê.

E' um erro, um grande erro, supôr que os socialistas francezes deixariam de defender a patria e as instituições republicanas. Não de trabalhar quanto possam para evitar a guerra; não de trabalhar para substituir o exercito permanente pelo exercito de milicias; mas, se a guerra for inevitavel, se essa desgraça tremenda tiver que dar-se, os socialistas francezes occuparão o primeiro lugar nas fileiras do exercito republicano.

Terminantemente o declara Jaurés no artigo que, sob o titulo Sang-froid et Decision, publica no jornal Humanité, de 16 do corrente: «Defenderemos, até morrer, a autonomia nacional indissolvelmente ligada com a liberdade republicana».

João de Menezes.

Esteve ante-hontem nesta cidade o sr. dr. José Joaquim Fernandes, professor da Universidade e distincto advogado nos auditorios do Porto.

Retirou desta cidade depois da brilhante defeza de um reu para quem obtve a absolvição do jury.

Estão afixados os editaes do estylo para o casamento civil do sr. Arthur de Saude Pimentel e Maria Urbana dos Anjos, residentes em Coimbra.

Corveta "Estephania"

Vae haver admissão de alumnos marinheiros, para frequentar a escola estabelecida no Porto a bordo da corveta Estephania, devendo o anno lectivo começar em 1 de outubro do corrente anno. Os requerimentos dos paes ou mães, tutores, ou quem suas vezes fizer, dos candidatos solicitando a admissão na referida escola, devem ser dirigidos a sua magestade, escriptos em papel sellado e entregues até 31 de agosto na administração do bairro ou conzelho onde residirem os candidatos, acompanhados dos seguintes documentos:

1.º Certidão de idade, pela qual se prove que o candidato não tem menos de dezesseis annos, nem mais de dezoito no dia 1 de outubro d'este anno. Pode tambem requerer a admissão, se tiver quinze annos de idade, provando por documento legal que sabe ler, escrever e contar.

2.º Auctorisação de pae ou mãe, tutor ou quem suas vezes fizer, do candidato, que constitua a obrigação do candidato servir a bordo dos navios do Estado como praça de marinheiro ou em qualquer das outras classes effectivas da armada, pelo tempo de oito annos, a contar da data em que assentar praça no corpo de marinheiros da armada, se o candidato fôr admittido como alumno marinheiro.

Os candidatos devem ter, pelo menos, 1,48 de altura. Todos os documentos devem ser reconhecidos por notario publico, quando não tiverem o sello das est. ções por onde forem passados. Além dos documentos acima mencionados podem os requerentes juntar todos aquelles que importem preferencia para a admissão. As condições de preferencia são:

1.º Os filhos de praças da armada; 2.º os filhos de praças de pret do exercito; 3.º os orphãos e desamparados de pae ou mãe; 4.º os filhos de individuos de profissão maritima; 5.º os que provem a sua pobreza; 6.º os que tiverem melhores habilitações differentes; 7.º os mais velhos.

Os candidatos entregarão os seus requerimentos e documentos que os acompanharem ou directamente ao commando do navio escola ou a auctoridade civil da localidade em que residirem, que os remetterá pelas vias competentes e com a maxima urgencia ao commandante do navio escola (art. 35.º e 37.º do Regulamento de 19 de febreiro de 1886).

Os candidatos que forem apurados pela junta de saude escolar serão matriculados na escola e desde essa data têm direito a uma ração diaria de generos, distribuida em tres refeições conforme a respectiva tabella regulamentar, e ao vencimento mensal de 3000 réis, captivos de descontos para fardamento e tratamento nos hospitaes. Fornece mais o Estado a cada alumno uma cama completa composta de maca, colchão, travesseiro e uma mochilla.

Os alumnos marinheiros que forem

alistados no Corpo de Marinheiros, tendo obtido aprovação no exame final na respectiva Escola, são preferidos sempre em egualdade de circumstancias a quem vier de outras praças para a promoção a classe superior, e bem assim preferem-se a quaesquer outras praças ou individuos nos concursos abertos para a admissão de enfermeiros navaes, uma vez que satisfaçam ás condições especiaes que regulam a admissão a esta e que tenham servido como praças do corpo de marinheiros, pelo menos quatro annos.

Os alumnos marinheiros que forem dados por incapazes do serviço pelas juntas officiaes de saude, em consequencia de accidentes ou desastres occorridos em serviço, deverão pelas mesmas juntas ser classificados em duas categorias: 1.ª Incapazes do serviço militar e prover por si ás necessidades da vida; 2.ª Incapazes do serviço militar, mas podendo prover á satisfação das suas necessidades da vida.

Os alumnos com baixa pelas juntas officiaes de saude vencem a pensão diaria e vitalicia de 200 réis, quando comprehendidos na primeira categoria; e a pensão diaria de 100 réis, durante oito annos, quando comprehendidos na segunda categoria.

Foram concedidos 60 dias de licença ao sr. dr. Arthur Eduardo Manso Preto, primeiro official da secretaria do governo civil de Coimbra.

Está nesta cidade o sr. coronel Silva Monteiro, em serviço de inspecção ao districto de recrutamento e reserva n.º 23.

No dia 1 do proximo mez de julho devem começar as inspecções aos manebos recrutados para o serviço militar, sendo nesse dia inspecionados os de fóra do districto, aqui residentes.

A junta de inspecção é composta pelo sr. João de Passos Pereira de Castro, commandante do districto de recrutamento e reserva n.º 23, pelo sr. capitão medico José Afonso Baeta Neves, pelo sr. Ferreira Lopes, capitão de infantaria 23 e pelo tenente sr. Manuel Constanino.

Foi aprovado o contracto de arrematação do fornecimento de generos alimenticios para a Penitenciaría de Coimbra, feito a varios fornecedores até junho de 1905.

A Associação Commercial resolveu, em sessão de direcção, que se realizou hontem pelas 7 horas da tarde, representar ao governo contra a denegação do subsidio de 1.000.000 réis, que a camara propozera ao concessionario da tracção electrica, e reunir no sabado em assembleia geral para submeter á sua aprovação a representação neste sentido.

Reuniu na segunda-feira a assembleia geral da Associação dos Artistas, aceitando a demissão dos srs. Adolpho Teles, Joaquim Bento Ladeira, José Figueiredo e Abilio dos Santos, sendo chamados os dois suplentes eleitos para o exercicio dos respectivos cargos.

CRECHES

Por ordem do sr. Presidente da assembleia geral da Associação das Creches de Coimbra, são convidados os socios a comparecerem no dia 2 de julho pelas 8 horas da noite na sala da Associação Commercial, para lhe serem presentes as contas da direcção do ultimo anno e procederem á eleição dos corpos gerentes.

Não havendo numero legal, funcio-nará no domingo immediato com os socios presentes.

Coimbra, 23 de junho de 1905. O secretario, Antonio da Cunha Vaz

Associação Commercial de Coimbra Assembleia geral Aviso

Por ordem do sr. Presidente são convidados os socios desta colectividade a reunirem em assembleia geral no sabado 1 de julho, pelas 7 horas da tarde.

Ordem do dia Representar contra a denegação do governo, ao subsidio da camara para a tracção electrica.

O 1.º secretario, Cassiano A. Martins Ribeiro

EDITAL

Doutor José Pereira de Paiva Pita, provedor da Irmandade da Misericordia desta cidade de Coimbra;

Faço saber, em conformidade com o artigo 22.º, § 1.º, do compromisso da mesma Irmandade, que a eleição da meza para o biennio de 1905-1907 ha de realizar-se no dia 2 de julho proximo futuro, na sala dos beneficores, no Collegio dos orphãos de S. Caetano, começando ao meio dia.

A eleição, ha de effectuar-se em conformidade com o disposto nos artigos 14.º e 22.º a 25.º do mesmo Compromisso.

E para constar mandei passar este que vae ser afixado no logar do estylo e publico em dois jornaes da cidade.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia, 26 de junho de 1905. E eu, Joaquim Pedro Martins, secretario da Meza, o subscrevi.

O provedor, Dr. José Pereira de Paiva Pita.

ANNUNCIOS ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar, na Estrada da Beira, 170 (ao Calhabé), uma bengala antiga com castão de prata, que se perdeu na noite de 24 do corrente entre a Arregaça e o Calhabé.

Arrendamento de casa nova

Arrenda-se a casa n.º 69 da rua da Trindade, com frente para a rua dos Anjos. Tem 17 divisões, boas lojas, que tambem servem para commercio, tem 2 andares, aguas furtadas e lindas vistas.

Trata-se com Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos 17.

RESTAURANTE

Arrenda-se o do Theatro Circo Principe Real. Recebem-se propostas até ao fim de junho. Dirigir a Mendes d'Abreu, rua Ferreira Borges, ou ao escriptorio do mesmo Theatro.

Meio caixeiro

Precisa-se com urgencia e bastante pratica de fazendas brancas. Edade 18 a 20 annos. 6, Rua do Corvo, 12—COIMBRA.

Potes de lata para azeite

Ha para vender, com algum uso, potes de 130 e 150 decalitros. Rua Sá da Bandeira, 54, na Quinta de Santa Cruz.

Consultorio dentario

COIMBRA Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CASA

Vende-se uma bem construida e grande, propria para numerosa familia, com 3 andares, lojas e dois quintaes' rua de Sub-ripas, n.º 10. E' actualmente habitrada pelo Sr. Dr. Cid.

Para tractar, José Henriques Pedro, rua Ferreira Borges, 165, Coimbra.

QUARTO

Arrenda-se um bem ventilado, na rua dos Gatos. Nesta redacção se diz.

(17) Folhetim da "RESISTENCIA," TARASS BOULBA

Um tinha posto um sóco debaixo da cabeça, outro o bonnet, outro encostava-se ao flanco do camarada.

Cada um trazia á cintura um sabre, uma carabina, um cachimbo de madeira e um fuzil.

Os bois, pesados, estavam deitados, com as pernas dobradas, em grupos esbranquiçados e pareciam de longe grandes pedras imoveis, espalhadas pela planicie; de todos os lados se levantavam roncões surdos de soldados adormecidos, aos quaes respondiam em rinchos sonoros os cavalos, a quem as peias encomodavam.

Entretanto um clarão solenne e lugubre augmentava ainda a beleza daquelle noite de julho; era o reflexo das aldeias dos arredores.

Aqui, a chamma levantava-se larga e socegada para o céu; ali, encontrando um alimento fraco, lançava-se em delgados turbilhões até ás estrelas; farrapos inflamados deslignavam-se para se arrastar e apagar ao longe.

Dum lado, um mosteiro de paredes negrecidas pelo incendio, conservava-

se sombrio e grave como um monge de capuz, mostrando a cada reflexo a sua lugubre grandeza; do outro ardia o grande jardim do convento.

Julgava-se ouvir o ofegar das arvores torcidas pela chamma, e, quando do seio do fumo espesso saltava um raio luminoso, illuminava de sua luz violacea massas de ameias maduras, e trocava em oiro de ducados pèras que amareleciam por entre a folhagem sombria.

Duma e doutra parte pendiam das ameias ou dos ramos algum monge ou algum desgraçado judeu, cujo corpo se consumia com o resto.

Uma grande quantidade de arvores se agitava na toalha do fogo, e de longe pareciam outras tantas cruces pretas. A cidade dormia desguarnecida de defensores.

As flechas dos templos, os tectos das casas, as ameias dos muros e as pontas das palissadas inflamavam-se silenciosamente com o reflexo dos incendios distantes!

Andry percorria as fileiras de cosacos.

Os fogos, á volta dos quaes se assentavam os guardas, não lançavam mais que fracas claridades e os próprios guardas se deixavam tomar pelo sono, depois de terem satisfeito largamente o seu appetite cossaco.

Admirou-se de tal falta de cuidado,

pensando que era uma grande felicidade não haver inimigos na vizinhança.

Por fim aproximou-se tambem dum dos carros, trepou para debaixo do toldo, e deitou-se, de papo para o ar, pondo as mãos juntas por debaixo da cabeça; mas não pôde dormir e ficou muito tempo a olhar para o céu.

O ar era puro e transparente; as estrellas que formam a via lactea brilhavam como uma luz branca e confusa.

Por momentos Andry entorpecia e o primeiro véo do somno ocultava-lhe a vista do céu que reaparecia de novo.

De repente pareceu-lhe que uma figura estranha se desenhava rapidamente deante d'elle.

Julgando que era uma imagem creada pelo somno e que ia dissipar-se, abriu os olhos mais. Viu effectivamente uma figura pallida, extenuada, que se debruçava sobre elle e olhava fixamente para os seus olhos.

Os cabelos longos e pretos como carvão saíam em desordem dum véo escuro negligentemente deitado para a testa, e o brilho singular do olhar, a côr cadaverica do rosto podiam bem fazer acreditar numa aparição.

Andry pegou á pressa na arma e exclamou com a voz alterada: — Quem és tu? Se és um espirito maligno desaparece. Se és um ser vivo empregaste mal o tempo. Vou matar-te.

Como unica resposta a aparição poz

um dedo nos labios, parecendo implorar silencio.

Andry poz a arma no chão e começou a olhar com mais atenção.

Por os cabelos compridos, pelo peçoço, pelo peito semi-nu, reconheceu uma mulher. Mas não era uma polaca; o rosto pallido e descarnado tinha a côr da azeitona; as maçãs do rosto adeantavam-se em saliência, e as palpebras dos olhos estreitos levantavam-se aos cantos exteriores.

Quanto mais contemplava aquella mulher, mais lhe parecia ver um rosto conhecido.

— Dize-me quem és! exclamou por fim; parece-me que já te vi em qual-quer parte.

— E' verdade, ha dois annos, em Kiev.

— Ha dois annos em Kiev? repetiu Andry, passando pela memoria tudo o que lhe lembrava da sua vida de estudante.

Olhou ainda uma vez para ella com profunda atenção, depois exclamou de repente: — Tu és a Tartara, a creada da filha do voivode.

— Chut! fez ella, cruzando as mãos numa angustia supplicante, tremendo de medo e olhando para todos os lados a ver se o grito de Andry teria desperitado alguém.

— Responde: como e para que es-

tás aqui? dizia Andry em voz baixa e ofegante.

— Onde está a menina? Está viva?

— Está na cidade.

— Na cidade! continuou Andry, retendo a custo um grito de surpresa, e sentindo que todo o sangue lhe reflua ao coração. Como está ella na cidade?

— Porque o senhor velho tambem lá está. Ha anno e meio que foi feito voivode de Doubno.

— Casou?... Fala... anda fala...

— Ha dois dias que não come nada.

— Como?

— Não ha um bocado de pão na cidade; ha muitos dias que os habitantes só comem terra.

Andry, ficou petrificado.

— A menina, viu-te da muralha com os outros zaparogos e disse-me: «Vae, dize ao cavalleiro que venha ter comigo, se se lembra de mim; senão que te dê ao menos um bocado de pão para minha mãe, porque não quero vê-la morrer á minha vista».

— Pede-lhe, abraça os seus joelhos; em tambem uma mãe velha, que te dê pão por amor dela.

Uma multidão de sentimentos diversos se levantaram na alma do cosaco.

— Mas como podeste tu chegar até aqui?

— Por uma passagem subterranea. (Continua.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

Repara... Lá...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os effectos maravilhozos do alcairão, genuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os toem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro
PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado
ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)
COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras. Confecções para ómem e crianças, peúltimos figurinos. Vestes para eclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS RESUMIDOS

“RESISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 25700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 28400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 600

Brasil e Africa, anno..... 38600
I has adjacentes, »..... 38000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauceisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — **COIMBRA**

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retrotes vasos para jardins e platibandas, balsuatres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro
Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PIANO

Aluga-se um em bom estado e nas melhores condições. Nesta redacção se diz.

CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm todos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

Macario da Silva

José Falcão Ribeiro
ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 31

(Em frente ao tribunal)

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórges, 27 e 29

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doencas de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 140000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Agentes exclusivos da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, *C.ª de New-York*, e dos *Grandophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.º

COIMBRA

ANTONIO D'ALMEIDA

PINTOR

Rua das Padeiras, 31

COIMBRA

Decorações em tectos, vestibulos, paredes, taboletas, etc. etc.

Douradura e gravura em vidro.

Pintura liza e fingida.

Toma conta de qualquer serviço no genero, tanto nesta cidade como fóra

Preços sem competencia

Agua da Curia (Mogoforas — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de *CONTREAXEVILLE*, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 3 kilometros da estação de Mogoforas. Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — **PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 9

Jozé Marques Ladeira & Filho

5, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Fabrica de carimbos de borrocha



CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lóna.

Lústres de cristal e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrêtes, tinhas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, sistema Auér.

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogóis de cozinha e sala.

Fogareiros a gás, acetilene, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistemas.

Preços rezumidos em bombas de relójo.

Aparêlhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borraça e folha.

Filtros sistema Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

PROGRESSE

ET

PROGRESSE

ADega REGIONAL DE ENRE DOURO

ELIZ

COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (I—III—1905)

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vacluída a importancia do barril, nem a garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo. Os pedidos de vinho em barril convem que sejam feitos com um dia de antecedencia.

Prevenção. — Os garrafas levam o carimbo da Adega em lacre e nas rollhas das garrafas e garrafas vacl o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compradas de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

COIMBRA

Associação Vinicola

da BAIRRADA

Vinhos espumosos

TYPO CHAMPAGNE

(Bairrada)

Esta Associação obteve na Exposição de S. Luiz o **GRAND PRIX** unico que vetu para Portugal, para esta qualidade de vinhos, que são:

SECCO, RESERVA, EXCELSIOR, QUINTA DO PRADO, EXTRA DRY, e MONTE CASTRO,

que offerecem confronto com os melhores estrangeiros.

Esta Associação tem, tambem, grande variedade de

VINHOS DE MEZA

Imitação dos melhores estrangeiros como:

CLARETE, ARAMON, VERDE e DELICIA.

VINHOS BRANCOS

ESTRELLA, ROSAKI, e BOAS FESTAS.

DEPOSITARIOS

Mercearia LUSITANA

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vacluída a importancia do barril, nem a garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo. Os pedidos de vinho em barril convem que sejam feitos com um dia de antecedencia.

Prevenção. — Os garrafas levam o carimbo da Adega em lacre e nas rollhas das garrafas e garrafas vacl o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compradas de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

COIMBRA

COIMBRA